

A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO PROCESSO DE AUTOAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA: UMA ANÁLISE DA OBRA *O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO*, DE RODRIGO FRANÇA

Sabrina dos Santos Pinheiro ¹
Claudianny Afonso da Silva ²
Melina Rodrigues Martins ³
Fabiola Ferreira da Silva ⁴

RESUMO

A literatura infantojuvenil é uma arte que utiliza a ficção como ferramenta capaz de aguçar o imaginário, despertar a curiosidade e suscitar questionamentos. Desse modo, configura-se como importante agente para repensar valores através de reflexões sobre a diversidade sociocultural e étnico-racial. Nessa perspectiva, objetivamos abordar a importância da valorização da etnia negra por meio da representação dos personagens em histórias infantis no processo de autoafirmação identitária e desconstrução do imaginário racista, a partir do narrador-personagem presente na obra *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França. Os procedimentos teórico-metodológicos envolveram estudos apoiados em autores como Colomer (2017), sobre literatura infantil e juvenil; Ribeiro (2019), acerca de leituras que referenciam positivamente a população negra; e Cuti (2010), a respeito aos elementos formadores da literatura negro-brasileira. Realizada a análise, constatou-se a importância de acesso a narrativas, desde a primeira infância, que reflitam a valorização, apropriação e autoafirmação racial para processo de internalização positiva da própria identidade negra.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil, Diversidade étnico-racial, Autoafirmação, Leitura literária.

INTRODUÇÃO

A literatura infantojuvenil tem um papel fundamental na formação de percepções e valores das crianças, ao proporcionar uma imersão no universo de seres ficcionais é capaz de estimular tanto a imaginação e a criatividade quanto promover reflexões críticas. Nesse sentido, os temas presentes em histórias infantis destinadas a crianças e adolescentes mesclam o entretenimento e o propósito de influenciar na formação ética e cultural desses leitores.

¹ Graduanda em Letras com habilitação em Língua Portuguesa - IFPB, sabrinapinheiro262@gmail.com ;

² Graduanda em Letras com habilitação em Língua Portuguesa - IFPB, claudianny.afonso@academico.ifpb.edu.br ;

³ Graduanda em Letras com habilitação em Língua Portuguesa - IFPB, melina.rodrigues@academico.ifpb.edu.br ;

⁴ Graduanda em Letras com habilitação em Língua Portuguesa - IFPB, fabiolaferreira.mz@gmail.com .

Em um mundo marcado pela diversidade, é essencial que esteja incluído, nesse rol temático, narrativas que ofereçam a oportunidade de enxergar a pluralidade da sociedade, especialmente, no que diz respeito à representatividade étnico-racial. A obra *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, surge como um exemplo significativo dessa necessidade, ao apresentar um protagonista negro que desafia estereótipos e promove a valorização da identidade negra.

Cuti (2010) aponta que o surgimento da personagem, do autor e do leitor negros é elementar para a literatura negro-brasileira e configura-se como uma ferramenta essencial e representativa dos elementos culturais de origem africana ao tratar, por meio da prosa e poesia da ficção, questões sociais relacionadas a população negra. Nesse sentido, *O Pequeno Príncipe Preto* traz à tona aspectos atinentes à afirmação da identidade negra e à defesa de pontos relacionadas à negritude e o combate à discriminação racial, tematizando o povo negro e suas heranças culturais positivamente, de modo a romper com a imagem negativa e subalternizada que foi construída ao longo da história acerca do negro na literatura brasileira.

O livro é uma releitura de uma das obras mais lidas no mundo, *O Pequeno Príncipe* (2009), do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry. Embora haja uma relação intertextual entre os enredos, França (2020) incursiona uma discussão contemporânea sobre raça, identidade e pertencimento, reimaginando o conceito de amor na obra com ênfase na importância do amor-próprio e da solidariedade dentro de uma comunidade negra. Desse modo, neste estudo, apoiado principalmente nos pressupostos de autores como Colomer (2017), Ribeiro (2019) e Cuti (2010), buscamos explorar como a representação positiva de personagens negros na literatura infantojuvenil pode contribuir para a autoafirmação identitária e a desconstrução de preconceitos raciais, destacando a importância de oferecer narrativas inclusivas desde a infância, especialmente, no âmbito escolar.

O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO EM UMA PERSPECTIVA ANTIRRACISTA: RESGATANDO A CONSCIÊNCIA IDENTITÁRIA AFROCÊNTRICA

O Pequeno Príncipe Preto aborda questões relativas à ancestralidade africana e a identidade negra pela perspectiva de mundo do personagem infantil. Através de uma narrativa envolvente, França adota uma escrita literária que valoriza a cultura africana e promove a autoafirmação racial ao recriar o príncipe em uma nova versão, oferecendo

às crianças negras uma oportunidade de se verem representadas em uma narrativa que as exalta, mostra a beleza e o valor de suas origens.

Existe uma coisa chamada ancestralidade. Antes dessa árvore, existiu outra árvore, antes existiu outra árvore, e mais outra, outra e outra... Antes de mim vieram os meus pais, os meus avós, os meus bisavós, os meus tataravós, os meus ta-ta-taravós... Todos eram reis, rainhas. (França, 2020, p. 9)

Percebe-se que o personagem entende que antes dele, existiram outras pessoas, e essas marcaram a sua existência, sendo partes ativas e constituintes da sua história. O menino revela que é através dos seus antepassados que se pode entender a sua origem, assim como a relação consigo. França, ao longo da narrativa, deseja enveredar sobre a relevância de enxergar-se como pessoa negra, notando-se tal questão neste trecho:

A minha pele é da cor desse solo. Quando eu rego fica mais escuro, cor de chocolate, de café quentinho. As cores são diferentes, iguais aos lápis de cor. Tem gente que fala que existe um lápis “cor de pele”. Como assim? A pele pode ter tantos tons... Eu sou negro! Um pouco mais claro que alguns negros e um pouco mais escuro que outros. É como a cor verde... Tem o verde escuro e o verde-claro, mas nenhum dos dois deixa de ser verde. Eu gosto muito da minha cor e dos meus traços. (França, 2010, p. 10)

Ao analisar a fala do personagem, observa-se que ele compreende as pessoas enquanto seres diferentes em vários aspectos, sendo um deles em relação a cor da pele, variando de tons claros a escuros. A associação feita ao lápis “cor de pele” – geralmente um tom bege ou rosado – mencionada pelo narrador-personagem, é um importante ponto a ser discutido em sala de aula na intenção de propor um debate acerca da diversidade das cores que podem representar a pele humana e fortalecer uma construção de identidade na qual a criança leitora compreenda a si e os outros como seres plurais, haja vista a mescla entre variadas etnias que constituem a sociedade, pois “[...] aceitar o lápis cor de pele é reforçar que há o normal, o ideal, o desejável, e há o anormal, o indesejável, o não ideal. É, de alguma maneira, dizer àquelas crianças cuja pele não tem

o tom do lápis: ‘Vocês não são como deveriam ser!’ e isso produz muitos efeitos” (BISCHOFF, 2013, p. 76).

Desse modo, como menciona o autor, a ideia de um lápis bege-rosado, rotulado como "cor da pele" e sendo considerado como padrão, reflete uma visão eurocêntrica, em que a cor de pele branca ou clara é vista como a norma, marginalizando outras etnias e culturas. Contrária a essa ideia, na obra, o Pequeno Príncipe Negro defende que há diversas colorações, e que todas são especiais, apresentando grande apreço por suas características físicas, a partir da valorização da sua ancestralidade.

Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz. Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus. Meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém. Antes eu cortava meu cabelo bem baixinho, mas agora estou deixando crescer. Quero que fique para cima igual aos galhos da Baobá. Vai crescer, crescer, crescer... Vai ficar forte, brilhoso, volumoso. Olhe para o céu! Ele será o limite. (FRANÇA, 2020, p. 11)

Nesse sentido, o protagonista assume sua identidade física com orgulho, demonstrando que o amor próprio é uma ferramenta poderosa para combater os estereótipos raciais. Para além da cor da pele, as manifestações de racismo contra pessoas negras, se evidenciam a partir de outras características físicas africanas, como cabelos crespos, narizes achatados e lábios grossos; tais ataques, quando presentificados ainda na infância, principalmente no âmbito escolar, provocam na criança a imersão em um estado de baixa autoestima. Sobre os cabelos crespos, Grada Kilomba ressalta que

O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionadas/os a alisar o “cabelo ruim” com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da negritude. Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial (KILOMBA, 2019, p. 127).

Por isso, *O Pequeno Príncipe Preto* ao rejeitar a ideia de que o cabelo crespo seria "ruim" – uma visão preconceituosa muito comum sobre cabelos crespos e afroteturizados –, oferece às crianças negras a oportunidade de verem a si mesmas de forma positiva e de se identificarem com personagens que compartilham suas experiências e características físicas. Isso não apenas fortalece a autoestima dessas crianças, mas também ensina às crianças de outras raças a importância de respeitar e valorizar a diversidade.

Ademais, a obra de Rodrigo França não apresenta apenas personagens negros, mas também incorpora elementos da cultura africana em sua narrativa. Isso é essencial para a valorização e reconhecimento da riqueza cultural afro, muitas vezes negligenciada ou estereotipada em outras obras literárias. Através da leitura de *O Pequeno Príncipe Preto*, crianças negras têm a oportunidade de internalizar uma imagem positiva de si mesmas e de sua herança cultural. Essa autoafirmação identitária é fundamental para o desenvolvimento de uma autoestima saudável e para a resistência contra o racismo estrutural presente na sociedade.

Este ‘assumir-se negro, esse gostar-se negro’, tão caros à literatura de subjetividade negra. Define a literatura negro-brasileira como uma expressão que nasce na e da população negra que formou fora da África, e de sua experiência no Brasil (CUTI, 2010, p. 32).

Conseqüentemente, a análise empreendida revela a importância de obras literárias que promovam a diversidade e a representatividade racial. Ao oferecer narrativas que valorizam a identidade negra, a literatura infantojuvenil desempenha um papel crucial na formação de uma sociedade mais justa e igualitária, pois “a leitura literária é o que nos dá acesso ao imaginário coletivo” (COLOMER, 2017, p. 45).

Além disso, ao apresentar um protagonista negro em um papel central e heroico, a obra desafia e desconstrói estereótipos racistas que muitas vezes são perpetuados na mídia e na literatura. Isso contribui para a formação de uma visão mais justa e inclusiva, inspirando crianças negras a enxergarem-se como protagonistas de suas próprias histórias e alcançarem grandes feitos, ampliando, conseqüentemente, suas aspirações e sonhos, incentivando-as a persistirem em seus objetivos com confiança.

Por fim, a presença de personagens negros em histórias infantis promove um senso de inclusão e pertencimento. As crianças negras se sentem representadas e

reconhecidas, o que é vital para seu bem-estar emocional e social. Essas histórias também educam crianças de todas as etnias sobre a importância da diversidade e da inclusão, aprendendo a valorizar e respeitar as diferenças e contribuindo para a formação de uma sociedade mais empática e justa. A representação positiva fortalece as crianças negras para enfrentarem e resistirem ao racismo que possam encontrar na sociedade, tornando-se mais resilientes e capazes de lidar com discriminações de maneira assertiva e confiante. “Eu gosto muito da minha cor e dos meus traços” (FRANÇA, 2020, p. 11).

Os efeitos positivos dessa representação se estendem à vida adulta, influenciando a maneira como essas crianças se veem e interagem com o mundo. Assim, uma identidade racial positiva e fortalecida contribui para o sucesso pessoal e profissional, bem como para a construção de uma sociedade antirracista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da obra mostra que *O Pequeno Príncipe Preto* se apresenta como um recurso valioso para promover debates sobre questões de diversidade e inclusão. A presença de um protagonista preto em uma perspectiva positiva cria oportunidades para trabalhar a construção de uma autoestima saudável entre crianças pretas e reforça a ideia de que todos são igualmente valiosos. Ao incluir uma perspectiva afrocêntrica, a obra incentiva a discussão sobre pertencimento e reconhecimento étnico, fornecendo ferramentas importantes para educadores no combate ao racismo desde os primeiros anos escolares.

A construção de uma identidade heroica para o personagem permite que as crianças se enxerguem como protagonistas de suas próprias histórias, desafiando estereótipos historicamente reproduzidos que marginalizam ou inferiorizam pessoas negras. A obra de Rodrigo França traz para o centro do palco um herói preto, o que favorece a internalização de uma autoimagem digna e confiante, promovendo um sentido de pertencimento e reconhecimento essencial para o desenvolvimento infantil.

Diante disso, a narrativa funciona como uma poderosa ferramenta antirracista, ao apresentar um personagem preto em um papel de protagonismo, desconstrói estereótipos que geralmente trazem o negro em representações pejorativas ou limitadas. Quando o livro apresenta os elementos da cultura de povos africanos e faz uso de elementos culturais para evidenciar a beleza e a riqueza dessas tradições, contribui de

maneira eficaz para combater preconceitos e fornecer referências positivas que incentivem a valorização das diferenças culturais e étnicas.

A partir das discussões, surgem várias possibilidades de aplicações pedagógicas da obra, podendo ser utilizada em atividades de leitura e rodas de conversa em escolas, visando discutir identidade, representatividade e a importância do respeito às diferenças. Além disso, também pode ser incorporada em projetos sobre cultura afro-brasileira, promovendo debates sobre pertencimento e empoderamento. Outra estratégia seria o uso da narrativa para abordar a filosofia Ubuntu, destacando a importância da comunidade e da empatia, ajudando os alunos a se conectarem uns com os outros de maneira solidária e colaborativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pequeno Príncipe Preto é uma obra significativa que vai além de uma simples releitura do clássico francês. *O Pequeno Príncipe* (2009), oferece uma nova perspectiva sobre temas universais ao mesmo tempo em que celebra a cultura negra e trata de valores essenciais para a convivência humana, sendo uma leitura indispensável para crianças e adultos que contribui para debates em prol de uma sociedade mais justa, inclusiva e antirracista.

O livro destaca a importância de conhecer, valorizar a ancestralidade e a identidade racial; através da descrição de traços típicos de pessoas afrodescendentes, como o cabelo volumoso e crespo, reforça a importância da representatividade para que, especialmente, ainda na infância, crianças negras possam se reconhecer e se sentir orgulhosas de suas raízes, celebrando a diversidade cultural e a inclusão, bem como mostrando que todos têm valor e devem ser respeitados.

Assim, a narrativa enfatiza a importância do amor, da amizade e do afeto genuíno, elementos essenciais para uma vida plena e feliz, ladeados ao resgate e orgulho da ancestralidade africana, uma questão importante nas narrativas de empoderamento negro. Esse orgulho é um ato de resistência, uma resposta à opressão histórica enfrentada por pessoas negras, haja vista que a sociedade tem, por séculos, estigmatizado certas características físicas de pessoas negras. Na narrativa, a marginalização dá lugar a exaltação da beleza autêntica do personagem.

Além disso, a análise da obra *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, revela a importância crucial da literatura infantojuvenil na promoção da diversidade,

inclusão e autoafirmação racial. Através de uma narrativa envolvente e personagens cativantes, a obra oferece uma representação positiva da identidade negra, contribuindo significativamente para a construção de uma autoestima saudável e uma identidade racial fortalecida nas crianças negras.

REFERÊNCIAS

BISCHOFF, Daniela Lemmert. **Minha cor e a cor do outro: Qual a cor dessa mistura? Olhares sobre a racialidade a partir da pesquisa com crianças na Educação Infantil.** 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

COLOMER, T. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual.** São Paulo: Global, 2017.

CUTI [Luiz Silva]. **Literatura negro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2010.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto.** 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe.** 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.